

PROBLEMAS SINDICAIS

As proveitosas lições da propaganda no dia 1.º de Maio

O êxito da propaganda feita no dia 1.º de Maio veio dar razão aos artigos que neste local temos publicado sobre problemas sindicais. Sentiu-se que, por influência dessa propaganda, o proletariado se animou de um entusiasmo mais vivo e de uma esperança mais forte. Tudo indica que a nossa preocupação neste momento deve concentrar-se na organização metódica da propaganda. Esta é a ponte sólida que dará passagem a empreendimentos de maior vulto, absolutamente necessários, urgentes, na época que decorre.

O sindicalismo caracteriza-se pela acção. Não accionar, em sindicalismo mais do que em qualquer outra doutrina, é morrer. As melhores realizações alcançadas pelo sindicalismo não se cifram em aglomerar grandes massas operárias nos sindicatos e em arrancar algumas pequenas regalias ao patronato. As melhores realizações são as concernentes ao robustecimento da Organização Operária, que se deve dotar de todas as peças que lhe garantam a boa missão defensiva do proletariado — agora, que vivemos na sociedade capitalista — e o seu bom funcionamento como organismo económico de produção, distribuição e consumo — amanhã, após a queda da burguesia.

Mas os trabalhos relativos ao aperfeiçoamento da Organização Operária não se poderão realizar enquanto não tivermos entre nós o maior número possível de elementos de estudo e de trabalho. E' preciso ir buscá-los, cativa-los por meio de uma propaganda inteligente nos meios onde eles se encontram e pelo estabelecimento no nosso seio de um ambiente acolhedor onde eles se sintam bem.

Os acontecimentos internacionais dizem-nos que não devemos perder tempo. Embora sem precipitações, a propaganda deve metodizar-se de maneira que grande número de povoações não estejam um ano e às vezes mais tempo sem contacto com os propagandistas. Há terras do país onde só pelo 1.º de Maio lá aparece um delegado dos organismos centrais fazendo palestras esclarecedoras. E a provar que a influência dos propagandistas e benéfica está o facto de, em regra, após a sua passagem, a organização local ter mais vida, formando-se sindicatos novos, reorganizando-se os decadentes, sentindo-se maior entusiasmo. Os meses depois começam a decorrer. Sem amparo, apenas entregues à inexperience de alguns elementos mal treinados nas lides sindicais, esses organismos decaem sem terem vivido o tempo bastante para criar militantes enérgicos que os mantenham de pé.

Estes factos indicam que, pelo menos, de dois em dois meses, a grande maioria das localidades do país deveria ser visitada por elementos mais esclarecidos da organização. Assim, manter-se-ia uma animação constante, uma vida permanente que num certo espaço de tempo se reflectiria na acção do proletariado de todo o país.

Os militantes operários meditarão este problema e em breve, estamos convencidos, se as nossas indicações e alvites forem atendidos, poderemos contemplar o grato espectáculo de uma Organização Operária mais poderosa em número de sindicatos, mais valiosa na sua mentalidade revolucionária.

Notas & Comentários

Escandaloso!

Em 30 de Março p. p. foi nomeada uma comissão revisora de contas na Associação dos Fragatários que, desempenhando-se da sua missão, encontram a escrita viciada e apurou que o presidente daquela agremiação operária fizera "um pequeno desfalque de cerca de nove mil escudos. A falsificação de dois recibos no montante de 480 escudos já o aludido presidente, António Dias Tavares, confessou à referida comissão. O caso levado à apreciação da assembleia geral deu lugar a uma votação, a qual, por maioria, decidiu a expulsão do referido presidente. Segundo nos declararam alguns membros da comissão revisora de contas, que nos procuraram para nos fazer estas revelações pavorosas, lavra enorme indignação na classe. E o caso não é para menos...

Uma gentileza

Aproveitando a passagem de um delegado da C. G. T. por Juramenha, o camarada João José Rodrigues, trabalhador rural, entregou-lhe para ser entregue à Central Operária uma interessante lembrança. E' um lenço bordado, tendo em cada um dos quatro cantos versos de carácter social que sensibilizam e patenteiam uma alma aberta às mais formosas concepções de perfeição humana. Registamos o gesto pela gentileza que revela.

Os de Mirandela

Em Mirandela, linda povoação da província de Trás-os-Montes, ainda se comemora o 1.º de Maio com festas e pândegas. Desconhece-se ali a verdadeira origem do 1.º de Maio. Por isso o que por lá se comemora é uma data vagamente festiva. No programa figuram, além de muitos foguetes, uma missa por alma dos sócios falecidos. Nestas festas locais quem predomina é, em regra, o bom burguês, que nesse dia se desfarga em proletário para no dia seguinte continuar a roubar os trabalhadores nas suas grandes férias que lhes concede.

AS GREVES

Corticeiros da casa Gameiro

ALHOS VEDROS, 5.—Novamente se encontra em luta o pessoal da casa Gameiro B. Pinto, por esta pretender a redução de salários. Várias tentativas fizeram estes patrões para conseguirem uma redução de salários, sem êxito. A actual greve dura há já sete semanas, pois, apesar de todos os sacrifícios, os operários não estão decididos a consentirem na redução de 40 por cento. Os operários reuniram na sede do seu sindicato, tendo aprovado uma moção com as seguintes conclusões: «Que se recorra à Federação Corticeira, dando-lhe conhecimento do conflito; que se mantenha a luta até que a casa Gameiro se demova da sua atitude; que se trabalhe com os operários que desejam regressar; que este regresso só se faça sob determinação do sindicato».

ASSINEM Os mistérios do Povo

Em Beja foi advogada publicamente a pena de morte

De Beja escreve-nos Gonçalves Correia uma carta sobre a passagem por aquela cidade da companhia de opereta política que tem como principal estrela o sr. Cunha Leal. Passamos a reproduzi-la na íntegra:

«Como deveis saber, o Messias, o grande Messias que, para de algum modo se assemelhar ao outro Messias, o João Franco de negra memória, até dizem ser também do Alcaide, esteve cá ontem. Como estrela luminosa, de primeira grandeza, vinha rodeado dos seus satélites, os quais, como a própria estrela, brilharam... pela pobreza de conceitos e de argumentos!

Que miséria, caros camaradas! Apenas os velhos e sedidos chavões da pátria — pátria para aqui, para ali, pátria simples, pátria ao natural, pátria com molho e sem molho — ecoaram na vasta sala onde se realizou a sessão de propaganda da União Liberal Republicana, que melhor seria chamar-se União Ditatorial Republicana.

A impressão na cidade era já desagradável, pela circunstância atenuante de não ser pública a dita sessão, que se realizou por meio de cartões. E' sintomático o receio que estes Catões têm de se pôr em contacto com os pés descalços, com os espelhos eternos...

Os oradores foram duma pobreza franciscana a respeito do mais importante problema mundial: A questão social. Creio que nem uma palavra foi proferida sobre este assunto momentosíssimo, o que revela claramente as intenções desgraçadas dos aprendizes de ditadores.

A instrução, problema importantíssimo nas nações civilizadas, nem ao de leve sequer foi tocada. Apenas o que nos todos já conhecemos através dos enervantes discursos dos Demóstenes burgueses: Pátria, pátria e sempre pátria!

As simpáticas e humanas ideias internacionalistas foram postas pelas ruas da amargura, principalmente pelo pavão mor Joaquim Lança, ex-socialista, ex-democrático e não sei se ex mais alguma coisa.

Os avançados que se encontravam na sala estavam com imensa vontade de opor a tal argumentação a argumentação da lógica e da justiça, não o tendo feito porque a sessão era «liberalmente» vedada ao grande público.

A sala não estava completamente cheia, notando-se a frieza da grande maioria dos assistentes, que foi ouvir por curiosidade. Apenas uma «claque» reduzida (que talvez não passasse de 50 indivíduos retidamente conservadores e reaccionários), se esforçava por aplaudir os oradores nas suas passagens mais vibrantes.

Joachim Lança, o «gigante», fez uma descarada apologia da barbárie, inútil e perigosa pena de morte, escondendo honestamente que Vitor Hugo, o «pigmeu», combatu esse princípio infame com a mais sólida e irrefragável argumentação.

Em duas palavras: Aquilo foi uma sessão de propaganda retintamente conservadora. Os esboçados, os nus, os pés descalços, os tristes que passam uma vida martirizante de preocupações e de desgraça, foram completamente olvidados.

Vós, abneçados camaradas de A Batalha,

A LUTA GIGANTESCA NA INGLATERRA

O governo em face da energia do proletariado está isolado na defesa dos interesses capitalistas

A formidável ofensiva do cp:riariado inglês contra o inimigo secular do proletariado de todo o mundo — o capitalismo — tem de ser seguida atentamente pelas classes produtoras. Do desfecho que esta luta virá a ter, qualquer que seja, concluirá o operário de uma admirável e inesquecível lição. Sem dúvida! Ficar-se há conhecendo, em todos os campos sociais, que invencível força e que terrível ameaça poderá ser contra o capitalismo a organização sindicalista das classes trabalhadoras.

A consciência e a solidariedade do proletariado internacional afirma-se. Na Holanda várias classes estão decididas, e parece que o puzeram já em prática, a impedir todo o movimento marítimo para os portos ingleses, com o objectivo de não contribuir, voluntariamente ou não, para um aumento de força do governo. As organizações sindicalistas francesas também mostram disposições de apoiar francamente a resistência dos operários britânicos. A C. G. T. Unitária já lançou o seu apelo: «O lema dos mineiros ingleses — nem mais um minuto de trabalho; nem um centavo de salário a menos — é o lema da C. G. T. Unitária. Uma derrota dos mineiros da Inglaterra teria consequências desastrosas para as classes operárias dos outros países. A C. G. T. U. proclama a necessidade imperiosa de dispensarmos solidariedade efectiva com todas as forças de que dispnhamos. Seja o nosso lema: Nem mais um quiló de carvão para a Inglaterra!»

E a Inglaterra precisa de carvão para alimentar a sua indústria. Durante a greve ir buscá-lo, provavelmente, aos países que o produzem. Por isso é que a atitude do operariado alemão e francês passou a constituir uma ansiosa interrogação.

A luta que os operários ingleses mantêm assume gradualmente um aspecto internacional bastante grave. Não é uma batalha contra o capitalismo de um país: tem de ser uma ofensiva contra o capitalismo de toda a Terra.

O estado de guerra inquietando o país

O governo passou a ocupar as mais abertas posições nesta luta homérica. O patronato das minas, reduzido quasi à impotência só com a deflagração da greve, decaiu numa atitude de concentrada expectativa. As medidas do governo deixam revelar a angustiada preocupação da burguesia; deixam transparecer o intento de evitar um ataque impetuoso às próprias instituições tradicionais da Inglaterra, cujo êxito seria um abalo fortíssimo na situação do capitalismo internacional e a precipitação do inevitável triunfo do operariado.

O governo procede como se estivesse em guerra com uma forte potência inimiga. Foi proclamado o estado de sítio. Navios de guerra percorrem as costas e desembarcam forças numerosas. Sobre a Escócia, o Lancashire e o país de Gales marcharam tropas compactas. Os serviços de polícia foram reforçados até

Quas opiniões

LONDRES, 5.—Ao ser interrogado pelos jornalistas, o sr. Thomas declarou:

—Que triste situação: a guerra foi declarada.

E a uma pergunta sobre uma provável resposta a qualquer ultimatum do governo: — Nós vamos agora ao quartel geral do partido trabalhista.

O sr. Cook disse: — Vamos discutir a questão. Estamos preparados para a luta. Foi o chefe do governo quem declarou a guerra.—H.

Os mineiros alemães também vão para a greve?

BERLIM, 5.—Os mineiros alemães parecem dispostos a declarar a sua solidariedade com os seus camaradas ingleses.—L.

A luta não diminuiu de intensidade

LONDRES, 5.—Continua a greve geral, sem esperança de próxima finalização. Os serviços públicos, parcialmente paralisados, encontram-se provisoriamente sob a direcção do «Board of Trade», tendo numerosos voluntários accorrido a prestar serviço. Em consequência da falta de jornais, o governo faz publicar um diário intitulado «Gazeta britânica», com uma tiragem de 70.000 exemplares. O príncipe de Gales chegou ontem ao aeródromo de Croydon, vindo de Paris, em avião especial.

Os conservadores estão despeitados

LONDRES, 5.—O Times, órgão conservador atribui aos mineiros a inteira responsabilidade na actual situação. Diz também que os dirigentes das Trade-Unions, que fizeram diligências para se encontrar uma solução, não perderam ainda a esperança e pode ser que se evite o desastre que ameaça o país.—H.

deveis pôr em foco estes factos. A velha «Pax Júlia» — podeis dizê-lo afoitamente — por de parte, como inútil e perigosa, a propaganda do «Messias» e seus acólitos. Tudo aquilo se traduz por esta exclamação: «Miséria!» Nada de novo. Tudo antigo, tudo sedido, tudo bolorento! Aquela semente nada dá neste áspero terreno... Assim o afirma, porque assim foi de facto, o vosso e da causa, Gonçalves Correia.

Secção Telegráfica Federações

VINICOLA
Sindicato de Gaia.—Segue vale de 100\$00 de Almada.

CONFERÊNCIAS

«Organização científica do Trabalho»

O sr. dr. João Camoes efectua hoje, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa, que funciona no Sindicato do Pessoal dos Arsenalistas do Exército, do Campo de Santa Clara, 87, 1.º, a segunda conferência da série «Organização científica do Trabalho», subordinando a sua lição de hoje ao tema «Do conceito da organização científica».

A entrada é pública.

Sessão cinematográfica educativa

No Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão cinematográfica educativa, promovida pela Universidade Popular Portuguesa que no mesmo local mantém uma das suas secções.

ao número mais elevado possível. Os ministros, assim como os edifícios públicos, estão guardados pela força armada. Os funcionários do Estado têm de trabalhar incessantemente, até mesmo ao domingo. As autoridades locais foram intimadas a despor as suas funções em mãos dos delegados civis do governo, que são, quasi na sua totalidade, antigos oficiais do exército. Como os jornais estejam impedidos de se publicar, o governo tomou posse de todas as estações radiotelegráficas, mas, este acto teve o bom sestro de imitar o pessoal da radiotelegrafia, que já fala numa declaração de greve com a solidariedade ostensiva dos correios e telegrafos.

Assim, a guerra social na Grã-Bretanha vai encarnando-se. Até que grandiosas proporções? São essas proporções que o sr. Baldwin, chefe do governo, deseja evitar com a sua insistente demanda de novas negociações, chegando a convidar os dirigentes das Trade-Unions para uma conferência no próprio palácio do Parlamento — a fim de se discutir... Diz-se mesmo que oficialmente se vão iniciar novas diligências para se encontrar uma solução, qualquer solução, porque o capitalismo inglês anseia por sair, seja como for, duma situação deveras embaraçosa.

O governo não consegue aniquilar a resistência dos operários

Dissemos que foram os operários que impulsionaram o movimento, empurrando os chefes trabalhistas para atitudes concretas. Ainda na reunião do congresso extraordinário, a direita do partido trabalhista tentou a moderação, mas tal tentativa foi vibrantemente repelida, não tardando a proclamação da greve geral. Votaram-na 3.653.527 contra 49.911 operários! Virtualmente, houve unanimidade. Em meio dos cânticos da Internacional ainda Smith, militante da esquerda, declarou:

—As nossas mulheres e os nossos filhos vão sofrer muito, mas nós devemos lutar até ao último esforço.

E todos os esforços do governo para protelar a greve geral foram inutilizados pela soberba resistência dos operários. Então, o governo preparou a contra-ofensiva com aquela febril actividade dos momentos de grande perigo.

O ministério do Trabalho ordenou a restrição obrigatória do gás e do carvão. A ninguém é permitido adquirir mais de 250 quilogramas de carvão vegetal. O fornecimento para a indústria foi reduzido a metade. Foram proibidos os voluntários amadores, com o pretexto de manter os serviços de abastecimento. Entretanto, a homogeneidade dos operários em luta é completa. A solidariedade ultrapassa as classes em luta e vai até aquelas que poderiam ficar, pelo menos, em expectativa.

Há grandes reservas para manter a luta

LONDRES, 5.—O conselho geral dos «trade-unions» publicou um comunicado exprimindo a sua satisfação pela obediência à ordem de greve geral e anunciando que a segunda categoria de corporações filiadas irá igualmente para a greve se a luta tiver de continuar. O governo continuará a esforçar-se por manter ou organizar serviços parciais.—L.

As primeiras escaramuças

LONDRES, 5.—Ocorreram ontem as primeiras desordens, depois da declaração da greve geral, a leste de Londres. Centenas de grevistas cercaram as entradas do túnel de Blackwell, atacando os condutores de veículos que saíam da cidade, intervindo a polícia que conseguiu restabelecer a ordem depois de carregar sobre os grevistas, muitos dos quais ficaram seriamente feridos, especialmente na cabeça. Grandes quantidades de gêneros alimentícios têm sido saqueados nos caes, onde se encontravam à espera de transporte.—L.

O sr. Baldwin quer inventar o motu-continuo

LONDRES, 2.—O sr. Baldwin, no último dia de Abril, tratou durante dezasseis horas seguidas da solução do problema mineiro, nada tendo conseguido. As negociações terminaram quando os proprietários das minas se recusaram a revogar a ordem de encerramento das minas à meia noite do dia 30, que haviam dado em face da declaração da greve dos mineiros, apoiados pelo congresso dos «trade-unions». O conselho de ministros e o conselho da coroa reuniram-se imediatamente, tomando as medidas necessárias para evitar a propagação da greve e do «lock-out» a outros ramos industriais. Os jornais prevêem graves consequências da greve.—L.

A situação é anormal

LONDRES, 5.—O governo publicou o primeiro número da «British Gazette», imprensa unicamente dum lado e contendo uma exposição da situação, notícias da greve, informações sociais, políticas e esportivas. O «Times» publica-se hoje apenas com uma folha pequena, mas impressa em dois lados. As redacções dos outros jornais continuam fechadas. O decorrer de algumas desordens, que se produziram nalguns bairros, as tropas carregaram, ferindo e maltratando um certo número de grevistas.

Em Portugal vão sentir-se duramente os efeitos da greve

A batalha travada na Inglaterra vai repercutindo-se fortemente em varios países. Nem Portugal, sem dúvida por ser um país importador de carvão, escapa aos temerosos efeitos da greve geral inglesa, apesar da sua incapacidade industrial. Os camilhões de ferro do Estado não têm carvão para mais de vinte e cinco dias, tendo de reduzir grande número de comboios. Ao que se dizia ontem, outros serviços públicos virão a sofrer os efeitos da greve dos operários ingleses. A-pesar-de todos os optimismos dos directores, a Companhia do Gás e Electricidade procura fazer economias de carvão, para que assim os seus depósitos se não esgotem rapidamente.

Consta-nos, de boa fonte, que os correspondentes dos jornais ingleses em Lisboa receberam superiormente instruções no sentido de sustentar todo o género de correspondência até indicação em contrário. Este facto deve relacionar-se com a não publicação de jornais em Inglaterra, por motivo da greve geral.

O primeiro de Maio na província

No Cano

CANO, 3.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais do Cano, efectou-se hoje uma sessão comemorativa do 1.º de Maio, fazendo-se representar a Federação dos Trabalhadores Rurais e a Confederação Geral do Trabalho.

Usou da palavra, em primeiro lugar, João da Silva Bonzinho, Aconselha a mocidade da fardada a não perseguir o seu irmão de trabalho que andam lutando pelo advento duma sociedade mais humana e justa. Combate o capital e a ideia religiosa, que consubstancia o veneno da classe produtora. Por último critica a propaganda feita pelos republicanos contra os avançados.

Em seguida aponta a palavra João Augusto Patricio, que aponta aos trabalhadores o dever de se agruparem nos sindicatos, que é o único baluarte onde se defendem os seus interesses e aspirações. Falando de justos interesses, cita o caso dum patrão que perseguia, cita o caso dum patrão que respondeu insolentemente a um camarada que lhe pedira trabalho, mostrando-lhe a situação precária em que se achava, tendo a mulher e os filhos com fome. A resposta do parasita foi que se governassem com a sua miséria.

Fala agora António Jacinto Dias. Principio por saldar a assistência. Regosija-se em vir ao Sindicato no dia comemorativo do 1.º de Maio, e salienta o facto dos trabalhadores conseguirem realizar esta sessão de protesto.

Alberto Silva faz várias considerações sobre a consciência proletária: Diz que os trabalhadores andam fora do caminho que devem trilhar. Ataca a igreja e os republicanos.

OS CRIMES DA REACÇÃO

Os jesuítas raptaram mais duas raparigas que foram conduzidas para um convento de Espanha

Denunciámos há tempos grande número de factos inéditos, comprovativos dos progressos que a reacção clerical tem feito em Portugal. Demonstrámos igualmente que as congregações funcionam ousadamente, à luz do dia, não só protegidas pela benevolência das autoridades como subsidiadas pelo fundo de assistência do ministério do Trabalho. Mostrámos a um país que ingenuamente supunha que os jesuítas não passavam duma ficção destinada a preencher a vacuidade de ideias dos discursos dos livre pensadores — que eles eram uma realidade e que tinham invadido o país pela Beira Baixa. Provámos ainda que o dinheiro dos jesuítas entrava a rodos no país e era empregado em adquirir, com nomes supostos, antigos conventos como aquele de Santarém onde está instalada a Creche de Nossa Senhora dos Innocentes.

E revelámos igualmente que se estabelecia a desunião das famílias, lançando-as na dor e no desespero. Houve muitas raparigas que fanatizadas pelas congregações ou embaixadas pelos seus confesores foram raptadas para conventos de Espanha e de França. Citámos nomes, não fizemos afirmações ócas ou vagas insinuações. E—cabe agora confessar a nossa ingenuidade—supúnhamos que tínhamos dito o suficiente para galvanizar esse cadáver — que é a consciência anti-clerical do país!

Tivemos a consciência do perigo que revelámos. Vimos claramente que se não se organizasse um movimento enérgico contra a corja negra, esta continuaria multiplicando os seus esforços e os seus maledícios. Entrando nos lares, baptizando crianças, fazendo casamentos religiosos, corrompendo os espíritos, ganharam grande terreno. Antigos republicanos vendo fugir-lhes o terreno debaixo dos pés, converteram-se a fé católica, tornaram-se beatos e contribuíram com grandes somas para a igreja. Ninguém — ninguém a não ser alguns trabalhadores conscientes — se apercebeu do perigo.

Ultimamente, partiu para um convento das ordens jesuíticas de Espanha mais uma rapariga. Chama-se Emília Juvénio e tem 21 anos de idade. Embarcou no Entroncamento e levou consigo 3 contos — soma esta que os jesuítas lhe exigiram para a conduzir para o convento. Uma outra está prestes a seguir para Espanha. Chama-se Deolinda Garcia e conta também 21 anos. Encontra-se actualmente em Elvas onde foi — segundo nos consta — arranjar os três contos que os jesuítas exigem. Ambas as raparigas são do lugar de Riachos.

Lamentamos só poderemos denunciar um dos crimes da reacção após ele ter sido praticado. Mas a pobre Deolinda Garcia ainda pode ser salva. Será a sua família composta exclusivamente de seres monstruosos, a quem o fanatismo tenha arrancado toda a sensibilidade moral, todo o sentido humano? Se, porventura, seus pais colaboram neste crime, se eles consentem que sua filha seja enterrada viva num convento de Espanha, merecem ser vergastados em plena face, cobertos de sarcasmos, de insultos e de maldições. Uma mãe que deixa ir sua filha para um convento é uma degenerada, um aborto moral. Não pertence à nossa espécie. E' uma fera. Um pai que tal consente é um miserável, um imbecil e um tarado. Em conclusão: dois seres imundos e indignos, altamente inúteis e nefastos. Afirma por eles a nossa repulsa é pouco — mas é o máximo que podemos fazer.

E' destes tipos sem sensibilidade, sem coração que a Igreja se regosija. Mas não haverá quem faça sentir a esses pais a sua hedionda maldade, a sua negra crueldade? E não haverá também quem salve a rapariga que foi para Elvas das garras aduncas dos jesuítas?

Oxalá que este crime, ao menos, se não pratique. A não ser que este país tenha alagado definitivamente a sua consciência à Companhia de Jesus!

classes antagonicas. Caracteriza as duas classes, dominante e dominada, nas diferentes épocas, acentuando a inferioridade económica da última classe. Impediram sempre as classes dominantes o desenvolvimento da instrução entre as classes dominadas para melhor manterem seu predomínio sobre estas. Refere-se ao grande papel desempenhado no meio das classes dominadas, pelas minorias activas e conscientes, que reagindo contra a classe dominante, preparavam o futuro aniquilamento desta.

Essas minorias além da classe inimiga, tinham contra si, muitas vezes, a maioria da classe que procuravam libertar, ou para a qual preparavam uma melhoria de condições sociais. A maioria procedia desta forma devido à sua falta de instrução e de

Em Faro

foi muito concorrida a sessão efectuada na sede da U. S. O.

FARO, 3.—Na sede da U. S. O. desta cidade, realizou na segunda feira o nosso camarada Virgílio de Sousa, em missão da C. G. T. No Algarve, uma conferência sobre as Juventudes Sindicalistas, sob o tema «A função das Juventudes Sindicalistas no meio social».

O conferencista começou por saldar, em nome da Confederação, os operários presentes e como na sala se encontravam alguns soldados, rejeitou pelo facto de trabalhadores coagidos a vestir uma farda, resistirem às deformações morais da caserna, não abandonando o seu lugar junto dos seus camaradas de trabalho.

Em seguida mostra que todas as transformações sociais realizadas no decorrer dos seculos provieram da luta entre duas

ULTIMAS NOTÍCIAS

A QUESTÃO DOS TABACOS

Numa importante sessão magna o pessoal dos tabacos, depois de apreciar a sua situação, resolve ingressar em massa na C. G. T.

São 18 horas. No grande salão da «Voz do Operário» em semi-círculo, contornando a linha do palco, acham-se reunidos perto de 2.000 operários das fábricas dos tabacos, na sua maioria mulheres, de idades variadas e com os seus trajes característicos.

Na presidência o velho militante do pessoal da régia Joaquim José da Rocha, tendo a secretária Lúcia Formosinho, da parte do pessoal dos escritórios, e Adélia de Jesus, dos extraordinários.

Declarando aberta a sessão o presidente expõe a ordem de trabalhos: apreciação das demarches efectuadas sobre a situação do pessoal e adesão à Confederação Geral do Trabalho. Em seguida afirma a necessidade de que as classes dos operários se unificarem para salvaguardarem o pão dos seus filhos.

João Rodrigues Cassão, que se segue no uso da palavra, salda a classe e expõe as demarches ultimamente realizadas. O pessoal dos tabacos, diz, tem que continuar a agir para garantia da situação das 4.000 famílias que da indústria vivem e cujo sobressalto tem a justificável e especulativa política feita em torno da questão dos tabacos e os últimos sucessos parlamentares.

O pessoal dos tabacos repudia a situação parasitária que alguns políticos ilusoriamente lhe oferecem

Francisco Antunes chama a atenção dos representantes da imprensa para as palavras que vai proferir.

Dois jornais O Século e Diário de Notícias, no extracto da última sessão magna da classe, posaram-lhe na boca palavras de defesa da liberdade da indústria dos tabacos.

Não é verdade. Afirma não o seduzir a liberdade de indústria para aí apregoada pelos potentados, a quem não repugna caril o ouro para o estrangeiro, lançando na miséria e na fome alguns milhares de operários com suas famílias. Defende a liberdade sim, mas a liberdade sem sofismas, a liberdade que não esconde uma tirania semelhante à que se exerce contra o pessoal dos fósforos a quem foi criada uma situação difícil, enquanto que se exportava o produto da Suécia. Referindo-se à situação actual da classe, considera-a mais crítica do que nunca. Só a unificação de todos, munidos de espírito de luta e de sacrifício, conseguirá assegurar um futuro menos escabroso.

O pessoal dos tabacos — afirma o orador — repudia a situação parasitária que alguns políticos contrários à régia lhe oferecem. Considera ilusório esse prometimento, pois ninguém ignora que o país se debate numa crise pavorosa, num constante «defeito».

A liberdade, afirma Antunes, defendida por uma entidade que especulou com o tabaco de importação durante a guerra, que guardou lucros fabulosos e que se prepara agora para continuar a especular em prejuízo dos operários, essa liberdade é uma mentira.

O pessoal dos tabacos quer trabalho, não quer esmolas; e se advoga a régia é por estar convencido de que com uma administração honesta por parte do Estado, melhor assegurado ficará, com benefício dos consumidores.

Protesta contra a afirmação de há dias feita pelo articulista dum jornal de que o pessoal das fábricas dos tabacos se movia pavorosamente.

Deseja que esse articulista estivesse presente para lhe contar dos esforços que os operários dos tabacos expendem, produzindo sem desperdício dum momento.

(A assembleia sublinha as palavras do orador com fortes aplausos e repetidos vivas à régia).

A actual proposta de «regie» está longe de satisfazer os interesses do pessoal

Joaquim José da Rocha diz que em face das escandalosas sessões parlamentares, promulgando as ambições políticas que se movem em torno da questão dos tabacos, os operários desta indústria têm apenas de preocupar-se com a sua defesa.

Alheia aos embates políticos, muito embora intimamente advogue a régia, a classe necessita de ponderar a situação pois que a proposta da régia que está em discussão já usufrui e muito menos concede novas regalias, pois, a ser aprovada, lançará na rua uma parte do pessoal extraordinário e atirá-la para uma situação de fome os que sintam necessidade de se reformar.

Referindo-se à forma como as delegações da classe têm actuado, pergunta à assistência se está em concordância pois a não suceder assim essas delegações deverão ser substituídas.

A assembleia manifesta-se, apoiando calorosamente os trabalhos dos delegados e desejando que continuem.

Porfírio Augusto faz o elogio das delegações da classe cuja probidade muito bem conhece.

Recorda o passado de intensa labuta da sua classe e escandaliza a falsa liberdade com que se procura resolver a questão dos tabacos, liberdade que é apenas parcial e encobre maneios mercantilistas, visto que não existe liberdade económica. E diz:

— Desde que o Estado garante aos operários as regalias a que os mesmos têm direito a régia é aceitável.

«A organização do pessoal dos tabacos, que é essencialmente económica, só aceitará régia desde que emendas sejam feitas à proposta em discussão, visto que ela tal qual está não satisfaz».

Termina dando um viva à régia a que a classe corresponde.

Raul Remartinez Alense quer uma régia com garantias e não essa régia a que o pessoal, cujas regalias não foram respeitadas, dá vivas.

Não confia em promessas. Factos, uma situação assegurada, é o que os operários precisam. Satisfaz-se em ver as fábricas em laboração, pois como operário dos tabacos não quer mais do que a garantia de trabalho que lhe permita o recebimento honesto da féria. Termina apresentando uma moção

no sentido de que o pessoal afirme a sua satisfação por não terem sido encerradas as fábricas e a disposição de defender «à outrance» as regalias e direitos jurídicos que usufrue e de que é merecedor, a par dos interesses do consumidor.

Manuel Magalhães propõe que se proteste contra a deturpação feita pelos jornais referidos às palavras de Antunes na sessão transada e contra a insinuação dos mesmos jornais de que o pessoal dos tabacos era pago para ir ao Parlamento, posto que para tal todos os operários perderam alguns meios dias.

António Augusto da Cunha propõe que a classe dê um comício público de defesa da sua situação, proposta que Joaquim José da Rocha julga ser para ponderar pela comissão orientadora do pessoal, visto que ante os maneios dos políticos toda a cautela é pouca. Propõe Rocha à classe que a proposta de Cunha baixe à comissão para estudo.

Posta à votação a moção de Raul Remartinez foi aprovada bem como uma proposta de Cesar de Campos para que seja enviada cópia desse documento ao governo.

Proseguindo no uso da palavra, Cesar de Campos lembra a conveniência de que se não repita o facto tantas vezes verificado de, satisfeito um desejo momentâneo, alguns elementos se alheiem da constante defesa dos seus interesses.

Propõe um voto de reconhecimento a todos os elementos que com ardor distribuíram manifestos de defesa da classe e protesta contra o facto de na «Brasileira» do Rio de Janeiro um grupo de operários que distribuíam manifestos ter sido assaltado por um bando de políticos que lhes roubaram e agrediram um operário douta indústria que ocorreu em sua defesa.

Francisco Antunes comunica à assembleia que a comissão aceita a doutrina da proposta de Cunha para a efectivação dum comício público mas para ocasião que se julgue mais oportuna. Associa-se ao protesto de Cesar de Campos, contra a agressão aos distribuidores de manifestos.

Abílio da Fonseca refere que, tendo feito parte do grupo que na Brasileira distribuiu manifestos, foi como os seus camaradas recebido por um grupo de esquerdistas que os tratou à bofetada e a pontapé.

A adesão à C. G. T. é votada com entusiasmo

O presidente comunica à assembleia que se vai entrar na 2.ª parte da ordem de trabalhos: ingresso da classe na Confederação Geral do Trabalho.

Sobre este assunto fala em primeiro lugar José Fortunato Coelho Tórrès, do pessoal extraordinário.

Começa por esclarecer que não foram os representantes da imprensa que levantaram a insinuação de que a sua classe era paga para ir ao Parlamento, mas sim os jornais que se fizeram eco dum afirmação mentirosa feita na Câmara pelo deputado esquerdista Pestana Junior.

Em seguida afirma que por nada poderiam as classes operárias confiar na acção benéfica de quaisquer grupos políticos, os operários dos tabacos sentem a necessidade de se juntarem a todas as classes trabalhadoras para defesa dos seus interesses morais e materiais, e por isso propõe à sua classe, a dos operários extraordinários, o levantamento da suspensão de relações com a C. G. T.

Exemplificando com a grande luta que actualmente se trava na Inglaterra, dos mineiros contra o industrialismo, afirma mais do que nunca ser necessária a unificação de todo o proletariado.

E natural, diz, que alguns elementos menos esclarecidos da sua classe tenham relutância em ingressar na C. G. T.

Espera que ninguém debande; mas, se alguns descontentes se afastarem nem por isso a parte consciente deve deixar de cumprir o seu dever, confederando-se.

João Rodrigues Cassão, em nome da delegação da régia, fazendo uma rápida história da vida da sua classe, defende com calor o ingresso na C. G. T., cujos 9 anos de defesa dos interesses dos trabalhadores a impõem ao respeito de toda a gente. O pessoal dos tabacos em uníssono — visto que considera de 1.º Maio em diante existir unicamente uma só classe dos tabacos — unificadamente ingressa na C. G. T. para beneficiar da solidariedade que deve ser apátrio de todos os trabalhadores conscientes.

Depois descreve os direitos e deveres das classes confederadas e termina levantando um viva à solidariedade operária e ao jornal A Batalha.

Em seguida é lida uma proposta para que a classe aprove por aclamação a adesão à Confederação Geral do Trabalho, proposta que a classe acolhe em uníssono.

Virginia da Conceição, num quente discurso, salda a sua classe pela resolução tomada e considera o momento que passa um dos mais felizes da sua vida de militante da sua classe.

A grande assembleia acolhe as palavras da velha camarada Virginia com estrepitosos vivas à C. G. T. e à Batalha.

José F. Coelho Tórrès apresenta uma proposta de saudação aos trabalhadores ingleses em luta, a qual foi aprovada por unanimidade.

Um discurso de Santos Arranha

Como se encontra na sala fazendo a reportagem da sessão o nosso director, camarada Santos Arranha, é-lhe conferida a palavra.

Num quente e breve discurso ele recorda o passado da classe dos tabacos desde a sua luta de 1918 em que, como delegado da U. S. O. de então, preconizou a unificação da classe e o seu ingresso na Central Operária. E' como a alma regosijada que assiste hoje, transcorridos oito anos à materialização do seu sonho de então. Exterioriza o seu contentamento por ver dissipar-se o ambiente de terror gerado em torno da C. G. T. pela torpe campanha de difamação dos inimigos do proletariado.

A Confederação Geral do Trabalho, afirma, é hoje, neste país em que a política e os políticos são lodaçal nauseabundo de corrupção, a única força moral. A relutância que alguns elementos do pessoal dos tabacos tinham em levar a sua classe a en-

A greve geral na Inglaterra

Pela imprensa londrina vai grande preocupação

LONDRES, 5.—As notícias dos jornais ingleses alcançam a 4 do corrente, dia em que se publicaram todos os jornais com excepção do «Daily Mail» e do «Daily Mirror». O «Daily Chronicle», cuja edição apenas saiu ontem com 4 páginas, dedica o seu artigo de fundo à crise. O título do artigo tem este título: «Um mergulho no desconhecido». O «Times» diz que o governo britânico já se não encontra em presença de uma simples questão de salários. O «Daily Express» diz que uma fracção da colectividade lançou um desafio ao governo e que o governo levantou a luva. A «Westminster Gazette» diz que a perspectiva da greve não é acolhida com entusiasmo por ninguém e convida todos os cidadãos a enviarem os seus esforços para atenuar os efeitos da greve. O «Daily Herald» convida os trabalhadores a desconfiarem das notícias transmitidas pela radiotelegrafia e pela radiotelefonía. —(H.)

Enquanto se luta...

LONDRES, 5.—O país encontra-se geralmente calmo, sendo os aprovisionamentos alimentares feitos normalmente. Os jornais londrinos da noite não se publicaram. O governo pede voluntários para assegurar os serviços de autobuses e metro. A Câmara dos Comuns aprovou várias medidas governamentais em favor de novos recursos fiscais, especialmente o imposto de 16 2/3% sobre importação de papéis de embalagem. O deputado comunista Saklatvala, que ontem havia sido preso, foi posto em liberdade sob caução. —(H.)

O que se faz na Câmara dos Comuns

LONDRES, 5.—O ministro do interior declarou na Câmara dos Comuns que a situação nos caminhos de ferro está em via de melhoria. Funcionam as fábricas de electricidade em Londres e o abastecimento de generos alimentícios faz-se satisfatoriamente.

O sr. Henderson, ex-ministro trabalhista alvitrou o embargo das negociações e o sr. Lloyd George, embora agravando as medidas do governo, deplorou o rompimento precipitado das negociações e condenou a declaração da greve geral. A Câmara dos Comuns aprovou as medidas do governo. —(H.)

Uma subtiliza governamental

LONDRES, 5.—O sr. Baldwin declarou nos Comuns estar disposto a reatar as negociações desde que cesse a declaração de greve geral, sem condições. Vários deputados insistiram pelo retamento das negociações. —(H.)

A capacidade de resistência dos operários em luta

LONDRES, 5.—As «trade-unions» dizem de oito milhões de libras, que a razão dum libra por semana e por grevista representa, aproximadamente, 15 dias de resistência. As «trade-unions» da Índia e da Austrália telegrapharam aos grevistas prometendo-lhes o seu apoio moral e financeiro e as uniões sul africanas tomam amanhã as suas decisões sobre o assunto. Calcula-se em cinco milhões de libras a perda diária de salários sofrida pelos grevistas e a da produção em 13 milhões. —L.

A pesar de tudo, sempre liberais...

LONDRES, 5.—Lloyd George interrogou o ministro do Interior sobre o projectado comício das «trade-unions», respondendo o sr. Joynson Hicks que o governo não tencionava proibi-lo. —L.

O pavor dos burguezes

LONDRES, 5.—Lord Balfour declarou na Câmara dos Lords que a rendição do governo perante a declaração da greve geral teria originado uma verdadeira revolução. —L.

A solidariedade do proletariado internacional

PARIS, 5.—A Confederação Geral do Trabalho telegraphou aos «trade-unions» oferecendo o concurso de 50.000 aderentes.

fileirar ao lado das restantes classes confederadas deve ter-se dissipado, tanto mais quanto é já notório de que uma classe isolada dificilmente poderá triunfar nas suas reivindicações.

Não tem delegacia da C. G. T., mas pode garantir que o que ela pretende desta classe não é simplesmente uma adesão de importância de cotas mas especialmente a adesão espiritual.

Como exemplo do quanto vale a solidariedade operária, refere-se à grande luta dos mineiros ingleses e ao apoio que lhes está sendo prestado, não só pelo restante proletariado de Inglaterra ao ponto de os tipógrafos dos jornais burguezes se recusarem a compor notícias prejudiciais para os mineiros grevistas, como pelo proletariado de todo o mundo que por essa luta vai manifestando a sua simpatia.

Santos Arranha, depois de a traços largos esboçar um esquema da organização confederal, termina traçando a imagem da solidariedade com o conjunto de peças dum máquina cuja disociação representa o aniquilamento e lembrando que não basta ao operariado a conquista de mais salário e menor horário, visto que do seu próprio esforço deverá surgir a sociedade futura em que todos os seres emancipados conseguirão ser livres e felizes, pela distribuição equitativa do trabalho e dos gozos.

Este discurso foi coroado com vivas entusiásticos a C. G. T., à Batalha e à solidariedade operária, após o que foi encerrada a sessão, pelas 22 e meia horas, debandando toda aquela mole, envolta nas brumas de fumo do tabaco, que antes de arder já vai queimando os políticos de jênção tão discutível.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete inglês «Desna» são hoje enviadas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências registadas às 9 horas e das ordinárias às 11 horas.

TIVOLI

Telefone N. 5474

A'S 3 HORAS DA TARDE - A'S 9 HORAS DA NOITE

O CAMINHO DA FORÇA E DA BELEZA

Super-documentário em oito partes sobre cultura física

O «film» mais extraordinário e completo deste género

A Grécia clássica e as sociedades modernas—A ginástica higiénica—A ginástica rítmica—As danças—Os desportos modernos—O sol, o ar e a água—Os banhos romanos

O «film» que todos os médicos, pais e educadores devem ver—A produção cinematográfica em que os praticantes de qualquer desporto encontrarão uma lição

Completa o espectáculo, entre outros, o «film» japonês de Sessue Hayakawa

O PINTOR DO DRAGÃO

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE—A'S 21 horas—HOJE

O maior êxito da actualidade

A peça de mais flagrantíssimo oportunismo

Espectáculo sensacional

A dança da meia noite

Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Camarotas 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

Caminhos de Ferro do Estado

«Administração exemplar»

Publicou ontem O Diário de Notícias uma entrevista, com retrato vestidinho a militar, isto devido à situação privilegiada de que goza o entrevistador que ao mesmo tempo funcionário dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, mas, devido às constantes entrevistas com retratos de que costuma usar, a fim de guiar os seus entrevistados, vai também ganhando com o negócio, pois está sempre a ante do serviço e com vencimentos a correr.

Se é certo que os Caminhos de Ferro do Estado se podem bastar a si próprios, no que estamos plenamente de acordo, desde que tenham uma administração perfeitamente honesta, para isso necessário se torna fazer e adquirir tudo de que os mesmos caminhos de ferro carecem.

E' vulgar ouvir dizer-se que, devido a tal ou tal indivíduo que nos mesmos pontifica, é que aquilo está a progredir, mas não se fala nos esforços constantemente empregados pelo pessoal que é quem mais labuta para manter um semelhante estado de coisas.

Diz o administrador sr. Pinto Teixeira que nada tem sido tirado ao pessoal, o que é redondamente falso, pois só com o esforço do que tem sido tirado ao referido pessoal a administração pode dizer o que diz, porque há dois anos que o pessoal vem a pedir situação mais equitativa por que lutam todos os funcionários do Estado, e são os ferroviários do mesmo Estado os mais mal remunerados e que maiores proventos trazem ao país.

Mas não há verba esgotada com um estado maior como se tem constatado sempre em prejuízo do maior número.

Está bem que não seja necessário passar os caminhos de ferro do Estado a uma empresa particular a não ser que grandes conveniências haja em tal e até há muito preparadas, mas como o pessoal também é gente... veremos.

Um ferroviário

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encargado de depósitos na Caixa Geral, cobranças de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de Habitação e Procuradoria, Rua do Carmo, n.º 43, 1.º, frente

OS QUE MORREM

Guilhermina Luis Machado

TIRES, 5.—Faleceu Guilhermina Luis Machado, esposa do operário José da Silva, secretário geral do sindicato da Construção Civil. O funeral realiza-se hoje. — C.

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das obras do Estado

Convidam-se os operários ultimamente licenciados das obras do Estado a comparecerem amanhã na Bolsa de Trabalho da Construção Civil, das 10 às 12 horas, para se proceder à inscrição dos mesmos.

TEATRO AVENIDA

HOJE E TODAS AS NOITES

O FAMOSO

Pão de Ló

COM O SEU NOVO

FADO

de Venceslau Pinto

HOJE

A'S 8 1/2 HOJE

FOOT-BALL

Deliciosos quadros

de fantasia e de comédia

GIRLS

(Robertson's)

O maior dos sucessos

em bailados

estilo Casino de Paris

IMPONENTE APOTEOSE

A'S ROSAS

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclamação

A despeito do enorme sucesso que está obtendo ainda, a peça de Charles Meré, incontestavelmente um dos maiores êxitos desta época, está dando as suas ultimas representações no Nacional, a fim de se activar o repertório deste teatro com outras peças marcadas para esta temporada.

—Continua em scena no Avenida o famoso e inolvidável «vaudeville» O Pão de Ló, cujo êxito cresceu ainda de muito desde que nele foi introduzido o novo «Fado do Soldado», de Venceslau Pinto, cantado todas as noites, duas, três e mais vezes pelo actor-comico Esteves Amarante.

—O maior sucesso teatral dos tempos actuais é, sem sombra de dúvida, a magnífica comédia «O homem das 5 horas» em scena no Trindade. No domingo há «matinée» com a representação de «O homem das 5 horas», fechando o espectáculo com o «Jazz-Band» sul-americano. Os preços autenticamente populares e a orquestra sul-americana são outros dois atractivos para levar ao publico ao elegante teatro.

—Tudo está preparado para que possa realizar-se amanhã, no novo teatro do Rato — o Joaquim de Almeida — a sua reabertura solenne, com as duas primeiras sessões da nova revista «Fox-Trot», original de Uns e Outros, passada toda a lotação do elegante teatro desde há muitos dias, tal tem sido o interesse manifestado pelo publico por esta arrojada iniciativa da Parceria Teatral Limitada.

—Estreia-se hoje no Foz a encantadora zarzuela «La Leyenda del Monje» de Arrieches, com música de Caballero que é interpretada por Marjua del Castillo, Josefina Pastor, Matilde Artero, Leonardo Rodríguez, Henrique Angelo, Páco Fernandes, José Bonet e Rafael Gallegos. Repete-se a linda zarzuela «Bohemios», Estrelita Castro é todas as tardes e todas as noites delirantemente aplaudida, no seu admirável repertório «flamenco» e no fado português que ela canta divinamente.

—Como tudo anda envolvido neste mundo e os que estavam de cima descenderam tanto que ficaram em plano ainda inferior aos que estavam de baixo, já o «calão» que antigamente era detestado e reprimido mais pelos bons costumes do que pela própria lei, se fala nos salões porque chega na verdade a ser preferível aos madraços dos elegantes janotas. Quem explica isto muito bem é Hortense Luz no seu inspirado fado do «Foot-Ball».

—Esta a derradeira semana em que se representa no Ginásio, a graciosíssima peça «O Az», que no domingo repita, definitivamente, de scena. E' portanto, de bom conselho aproveitar estas ultimas e irreversíveis representações quem não quiser privar-se de admirar a desopilantíssima comédia, que constitue o mais alegre espectáculo da actualidade.

—Uma das scenas mais interessantes do drama «Os milhões do criminoso» o grandioso êxito do Apolo, é, sem dúvida, a do «jantar dos padeiros», em que, principalmente, se esclarece a obra tenebrosa do protagonista da peça, levando ao cárcere a infeliz criatura que o desprezara, e a quem injustamente, accusara. Nessa scena e na da fabrica incendiada, a que se segue a sua derrocada, vibram, sempre, os mais entusiasticos aplausos, por parte do publico que, todas as noites, enche o Apolo.

—De dia para dia cresce o entusiasmo do publico pela recta que vai realizar-se, segunda-feira, no Ginásio, em homenagem a illustre artista Palmira Bastos.

—A actual temporada, no Ginásio, finda a 31 do corrente. A Companhia sob a egide de Palmira Bastos e Gil Ferreira, segue em digressão, estreado-se a 2 de junho, no Sa da Bandeira, do Porto. Sobre o funcionamento do teatro do Ginásio, durante o verão, nada está, definitivamente, decidido.

—No Coliseu dos Recreios realiza-se hoje uma reunião do torneio internacional de luta. Pela primeira vez luta hoje o atleta Zolysbko, que lançou um répto a todos os concorrentes do torneio. Também se efectua o combate entre Manuel Gonçalves e o finlandês Sick.

HORARIO DE TRABALHO

Empregados no Comércio

Efectua-se amanhã na sede do Sindicato Metalúrgico, rua Esperança, 122, 2.º, a quinta sessão de protesto contra o «desrespeito do horário de trabalho, descanso semanal e contra o uso das carroças de mão».

Esta sessão é promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria e faz parte da grande tournée de propaganda associativa e de expansão do sindicalismo que este organismo com tanto êxito vem realizando.

TEATRO GINÁSIO

TELEFONE

T. 914

HOJE

O AZ

SEGUNDA-FEIRA

2.ª-FEIRA

FESTA ARTISTICA

DE

PALMIRA BASTOS

bituavam-se à servidão, como as crianças que aprendem a ler para poderem apreciar os livros de pinturas.

— Os romanos faziam também banquetes para o povo, a quem são também agradáveis os gosos do estomago. Ninguém seria capaz de trocar um bom prato de sopa pela liberdade da República de Platão.

— Os tiranos ofereciam *liberalmente* um bocadinho e uma gota de vinho sempre que queriam ouvir o povo bradar: *Viva o rei!*

— E o pobre povo ignorante não pensava que era dêlé e só dêlé tudo aquilo que o rei lhe atirava depois apenas umas migalhas, e que nem sequer essas migalhas o tirano lhe poderia dar se antes lhe não tirasse.

— Ninguém seria capaz de trocar um bom prato de sopa pela República! repetiu o capitão Mirant. É um triste e desoladora verdade! Os homens transformam-se em brutos quando sacrificam tudo a instintos perversos, a grosseiros apetites!... Oh! como são infames os tiranos, que despertam êsses apetites, a fim de dominar o coração por meio do ventre, o espirito pelos olhos, atraindo os povos a êsses divertimentos a êsses teatros pagos com o fruto do trabalho popular!

— Pobre Jacques Bonhomme! disse o sapado. Continua assim, a assistir às festas e a curvar a cabeça; viz! paga o fausto alheio, rói os ossos e proclama a abundância dos outros!... Ah! se tu soubesses, tu quizesse! como te custava pouco atirar com os tiranos e suas coortes para a lama de onde nunca deviam ter saído!

— Ninguém imagine, porém, que os nossos tiranos Catarina de Médicis e Carlos IX, sejam defendidos pelos arcabuzeiros, cavaleiros e mais soldados... Não! exclamou Antonicq antes de continuar a leitura.

... Mas agora chego eu a um ponto, que é o segredo, a chave da dominação, base e sustentáculo da tirania.

— Muito se engana quem pensa que a segurança dos tiranos é garantida pelas armas dos soldados, pelas patas dos cavalos... Não! não são as armas



Na Escola e Biblioteca dos Ferroviários do Minho e Douro realizou-se uma conferência de carácter revolucionário

PORTO, 2. — Na Escola e Biblioteca dos Ferroviários do Minho e Douro, a data memorável do 1.º de Maio foi comemorada com uma brilhante conferência do nosso camarada Mário Domingues, expressamente convidado para este fim.

Pelas 11 horas da manhã, o camarada Adriano Monteiro, depois de fazer a apresentação do conferente, indica para presidir Mateus Ramos Vieira e para secretário Miguel de Moura e o autor destas linhas.

Concedida a palavra a Mário Domingues, principia por afirmar que é dos que entendem que todas as comemorações, se não forem com etiquetas reguando preconceitos não devem ser feitas pelo proletariado consciente.

O 1.º de Maio, à força de ser usado da maneira como se tem visto, redundou também num preconceito. Há, sem dúvida, comemorações que nos recordam um passado do qual tiramos bastantes lições, no qual bebemos certas belezas de espiritualidade artística e até científica. Mas devemos tirar o seu aspecto antiquado, dando-lhes uma característica mais moderada e de rebeldia.

O proletariado principiou por, no mesmo dia e em todo o mundo, se juntar, se solidarizar para rememorar aqueles que morreram em Chicago, tragédia esculpida a sangue nas páginas da história trabalhadora. Mas depois disso tem havido outras tragédias mais sanguinosas, mais bárbaras e, todavia, o proletariado não as tem lembrado como seria para desear.

Ao comemorar-se o 1.º de Maio, devia comemorar-se todos aqueles que têm tido em lutas mais violentas do que as de Chicago. O 1.º de Maio, para se lhe dar um outro cunho de novidade, deve ser encarado pelo dia de todos os mártires do Capitalismo, do Estado, da Autoridade...

Passando mais propriamente ao tema da sua conferência, Mário Domingues conta-nos esta interessante história: Um cavaleiro, todo cheio de aventuras, resolve transportar um vasto campo que supõe estar absolutamente franqueado a quem o quisesse atravessar. Um velho fidalgo, que lhe surge inopinadamente, manda-lhe fazer alto, dizendo-se proprietário do terreno. O cavaleiro, que não estava imbuído ainda dos chamados direitos de propriedade, pergunta-lhe muito logicamente: «Mas porque é que um homem só pode ser senhor duma terra tão vasta?» E o velho, todo embóia dos seus pergaminhos, explica-lhe que a herdou dos seus antepassados, os quais a conquistaram em lutas guerreiras. O cavaleiro faz então sentir que, se assim é, vai desembarhar a espada e brandi-la pela conquista da liberdade de poder transportar o terreno detido pelo velho — que está, pela sua idade, em condições de manifestar inferioridade para poder lutar com o cavaleiro, em plena pujança da vida.

Transportada a história para a actualidade, verifica-se que o cavaleiro é o proletariado e o velho fidalgo é o industrial, o capitalista. Ao proletariado o que lhe falta é afiar a espada e não afiar a espada é que está tudo. Afilar a espada, é o proletariado unir-se, interligar-se para a conquista das suas aspirações.

A produção e o consumo são ainda regularizados pelo sistema do citado velho das barbas brancas. A burguesia não o seu termo, e a atestação ali estão os escândalos parlamentares. Só o proletariado, infelizmente, é que está ainda muito longe do princípio... do seu princípio. Não basta organizar-se pelo número; é preciso sentir-se a necessidade de organização, saber-se o que se quer e, portanto, impormo-nos pelo cultivo da mentalidade.

O proletariado pode, em Portugal, fazer uma revolução. Mas o que não pode é sustentá-la devido à falta de mentalidade e visto que uma revolução não é um simples golpe de força. O proletariado deve principiar pelo princípio, isto é, pelo Sindicato, atraindo para o seu seio todos os seus camaradas de trabalho e, uma vez aí, torná-lo um revolucionário consciente. São muito lindos os aumentos de salário e as 8 horas, mas não se deve habituar os operários só a essas regalias, pequenas parcelas, afinal, do grande todo a que a Humanidade aspira.

Os trabalhadores o que devem é preparar-se para tomar posse directa de todas as fontes de produção e consumo.

Mercê dum aberração educacional, o proletariado, numa grande parte, acha impossível o desaparecimento dos ministérios, do parlamento, dos municípios. E no entanto, tudo isso é absolutamente dispensável, como o parlamento, que legisla sempre ao invés dos interesses colectivos. A partilha de cartelas parlamentares na questão dos tabacos não é, com certeza, por amor ao proletariado: todos, maioria e minoria, agem de harmonia com os interesses dos potentados e com os seus próprios interesses.

Quais são os outros organismos dispensáveis? As Câmaras Municipais. Por cada palmo de estrada que concedem ao povo tiram-lhe, em impostos sobrecarregados, dois palmos. Além disso, os vereadores, sendo, em geral, industriais, comerciantes, financeiros, colocam-se por detrás das cortinas municipais para fazerem os seus jogos políticos e mercantilistas.

Os burgueses objectam-nos que não basta apenas destruir, com uma revolução, os organismos do Estado. E têm razão. É necessário ter-se previamente preparada outra organização — e essa encontrá-la no sindicalismo.

Os órgãos económicos da burguesia giram num sentido de exclusiva utilidade capitalista. O ministério da agricultura, por exemplo, não cuida da intensificação do fomento agrícola para beneficiar, na medida lata do bem-estar geral, o país, quasi a baldio. Toda a sua preocupação reside em defender as inconscientes ambições dos fisiocráticos potentados.

Referindo-se às repartições do ferroviário, afirma que elas também não olham aos interesses gerais de todas as populações, mas aos lucros provenientes das ignóbeis mercantilistas — e salienta que se o proletariado tivesse a consciência do seu papel e do que vale, já há muito que aquelas repartições estariam substituídas pelos sindicatos e pela federação ferroviária.

Nota o esforço que o proletariado assume para bem conduzir a administração que

A comemoração do primeiro de Maio na provincia

Em Portimão

O mau estado do tempo impediu a realização do anunciado comício

PORTIMÃO, 3.—O dia 1.º de Maio mostrou-se chuvoso, o que não impediu que pelas 6 horas da manhã, fossem lançados ao ar alguns morteiros avisando-nos de que mais um ano se passava, após a grande greve geral revolucionária de 1886.

A sede dos Sindicatos dos Frigateiros, Estivadores e Soldadores chegavam os primeiros operários que, com a sua presença, vinham demonstrar que compreendiam qual o significado do 1.º de Maio.

Pelas 9 horas saíram com as respectivas bandeiras os seguintes organismos: Soldadores, Estivadores, Frigateiros e Delegação dos Chauffeurs Marítimos, acompanhados pela orquestra local, a qual é composta por elementos da Juventude Sindicalista.

Depois de terem percorrido as artérias mais concorridas da cidade, tocando a orquestra os hinos «1.º de Maio» e «Internacional» acompanhados em cântico por grande parte dos manifestantes, que nos intervalos, em vivas ao 1.º de Maio, C. G. T., etc., etc., mostravam o seu descontentamento contra o regime burguês.

Os manifestantes seguiram depois para a sede dos Sindicatos dos Soldadores, Frigateiros e Estivadores onde está instalado o Grupo Dramático Renovação, em cuja sala se deu uma sessão solene, devido ao mau tempo não ter permitido que se realizasse o comício.

A sessão solene presidiu Vítor Manuel, ferroviário, secretário José dos Reis Lino, da construção civil, e José Mateus da Graça, dos chauffeurs marítimos.

Começou o presidente por salutar a assistência, mostrando o seu descontentamento pela escolha do seu nome para presidir, devido a não pertencer à organização local, pois se encontra filiado no sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste.

Estando há alguns anos em Portimão, encontrou a organização operária com bastante vitalidade e, com tristeza e mágoa, constata que hoje é apenas um pálido reflexo do que foi. Presume que isso se deve à grande crise de trabalho que existe nesta localidade. Exorta todos os operários a agruparem-se nos seus organismos sindicais.

Fala a seguir João Gonçalves Pires, delegado da U. S. O. local.

Afirma não ter os dons oratórios que deslejava possuir, mas que dentro das suas possibilidades tentará fazer o melhor. Disse Vítor Manuel que a organização operária de Portimão baqueou, o que é um facto incontestável. Não é o facto de existir a crise de trabalho, razão bastante forte para que a organização se encontre no marasmo em que neste momento se encontra, mas sim a propaganda reaccionária feita por mestres e armadores que se opõe a que uma das classes mais numerosas desta localidade se reorganize. Refere-se deste modo à classe piscatória. Apela para uma propaganda tenaz dentro da dita classe, a fim de a chamar ao seio da organização.

Sobre os soldados, diz que tendo sido esta classe uma das que deu mostras do seu valor, lamenta que hoje, quando a fome entrou em todos os lares, estes camaradas se afastem do seu sindicato, sendo para se desejar o contrário, pois só bem unidos poderão fazer valer os seus direitos.

Fala sobre o 1.º de Maio e a má interpretação que lhe é dada por parte de alguns trabalhadores. Esprai-se em considerações demonstrativas do que é esta data gloriosa do proletariado. Apela para todos os camaradas conscientes a fim de se instruírem para que amanhã, após a revolução emancipadora, estejam aptos a tomarem conta dos seus destinos.

Fala em seguida, António Franco, em nome do Sindicato da Construção Civil, reforçando as palavras do camarada Pires, no que se refere ao 1.º de Maio. Diz que quando chega este dia, os camaradas julgam que o que organizam estas sessões é fazer com algum interesse material, julga, ele, orador, assim, porque vê a pouca compreensão das camaradas organizações.

Refere-se à Construção Civil, apelando para que, todos os camaradas que andam afastados se compenem dos seus deveres, ingressando no seu sindicato, dando-lhe assim aquela vitalidade que tão necessária é, para defendermos as poucas regalias conquistadas à custa de tanto sacrifício.

Vergílio de Sousa, delegado da C. G. T., apresenta as suas saudações ao operariado de Portimão em nome do organismo que representa.

Lamenta que a grande maioria do povo trabalhador desta localidade não saiba fazer frente ao avanço da burguesia, unindo-se como um só homem a dentro das suas células sindicais. História de uma maneira geral o que é a grande data revolucionária do 1.º de Maio referindo-se à crise de trabalho, diz serem obrigadas as mulheres dos operários a alugarem os seus braços, outras a prostituírem-se, a fim de angariarem alguns cobres a fim de mitigarem a fome aos seus entes mais queridos. Decorridos 40 anos após a grande tragédia de Chicago, que o proletariado devia estar mais unido para se defender das arremetidas da burguesia, é precisamente que se nota a grande apatia de que grande parte do proletariado se encontra possuído. É necessário formar uma forte barreira a fim de fazer vencer direitos conquistados à custa de muitos esforços. Entre estes direitos estão as 8 horas de trabalho. Refere-se às perseguições feitas ao operariado português por parte dos governantes, que com o rótulo de democracia exercem toda a espécie de tirania.

Recorda os fusilamentos de que têm sido vítimas os operários, as deportações em massa feitas há longos meses, sem que até hoje os senhores da República soubessem dar uma satisfação cabal do seu nefando acto.

Se estes crimes ainda são hoje possíveis, é devido à grande massa trabalhadora, que prefere morrer de fome a um canto a unir-se aos seus irmãos de miséria. Faz um confronto entre o período da escravidão e a era actual, fazendo ver de uma maneira incontestável, que se naquele tempo eram lançados os homens às feras por se revoltarem contra a tirania de que eram vítimas, hoje, como já disse, são assassinados em plena

praça pública e deportados para inospitas paragens, ou isolados em calabouços infectos onde pouco a pouco vão uns, perdendo a vida, outros, tuberculizando-se e ainda outros enlouquecendo devido ao bárbaro tratamento de que são vítimas.

Tem acres palavras contra toda a espécie de ditaduras, demonstrando o que são as ditaduras de Mussolini e Primo de Rivera, e o que é a ditadura de terror que lava na Bulgária. Revolta-se contra a extradição que o governo português quer levar a prática contra Paulo da Silva, que por um pretexto crime se encontra homiadado em França; história o que se tem passado em Lourenço Marques com a greve dos ferroviários, incitando todos os trabalhadores a que reclamem dos governantes a não extradição de Paulo da Silva, o imediato regresso dos camaradas que para as ilhas de São Vicente e Guiné foram deportados, e o regresso a Lourenço Marques dos camaradas ferroviários. Refere-se à religião fazendo ressaltar quanto contraproducente ela tem sido à emancipação dos povos. O orador diz durante certo de duas horas prende a atenção dos assistentes é muito ovacionado, tendo o seu interessante discurso sido fechado com vivas à C. G. T., A. I. T., J. S., Batalha e à emancipação dos trabalhadores.

Vitor Manuel apela para os jovens sindicalistas, incitando-os a se agruparem no organismo juvenil, apelando também para que os militantes deem todo o seu carinho aos jovens, já educando-os, já dando-lhes exemplos de moralidade, pois são os jovens os futuros militantes e portanto aqueles que têm sobre si o encargo da transformação da sociedade. No final é lida uma moção da C. G. T. sendo aprovada por aclamação entre vivas à C. G. T., A. I. T., Batalha, trabalhadores de todo o mundo, etc.

No final foi resolvido enviar dois ofícios: um ao ministro de França protestando contra a pretendida extradição de Paulo da Silva, e outro que é endereçado ao ministro das colónias refere-se às violências cometidas contra os ferroviários de Lourenço Marques.

Em Aljustrel

ALJUSTREL, 3.—Presidida pelo camarada Manuel Patrício, realizou-se na sede do Sindicato dos Mineiros uma sessão comemorativa da data do 1.º de Maio.

Em primeiro lugar usou da palavra o camarada presidente que dissertou sobre o valor da organização, lastimando que os trabalhadores ainda não compreendessem o valor do Sindicato, e a prova-lo está o facto de, sendo hoje dia de luta e revolta, a sala conter um número de assistentes inferior ao que era de esperar.

Seguiu-se na mesma ordem de ideias Alério Chaveiro lastimando que o camarada António Alves Figueira não se encontrasse presente, porque sendo ele um daqueles que mais têm lutado para o bem estar da colectividade, vê-se presentemente alheado por aqueles que só desejam o desaparecimento do Sindicato.

Lastima também que aqueles de quem os filhos foram entregues ao cuidado da organização não se encontrem fortemente representados nesta sessão, pois com esse procedimento não demonstram que bem depressa se esqueceram do que a organização lhes fez.

Augusto Vitorino Machado lastima bastante o reduzido número de assistentes a esta sessão, pois sendo Aljustrel composta de trabalhadores a sala do Sindicato devia ser pequena para os conter.

Mas nós observamos o contrário. Em lugar de se interessarem pelo seu organismo, os trabalhadores andam desenvolvendo a intriga contra aqueles que têm dado o seu maior esforço à organização.

Artur Cardoso, delegado da C. G. T., em nome do organismo que representa, saudou todos os trabalhadores e lastima ao mesmo tempo que a sala do Sindicato não se tornasse pequena para conter os mesmos. Sendo Aljustrel composta por trabalhadores verifica que uma grande parte dos mesmos são refractários ao Sindicato.

Como nota frisante observa que alguns dos refractários bem depressa se esqueceram do esforço despendido pelos seus irmãos trabalhadores de outras localidades, quando da última greve dos mineiros e metalúrgicos de Aljustrel, esforço que deveria servir de incentivo para novas lutas de reivindicação. Entende que, marcando o dia 1.º de Maio de 1886 o início da luta para a conquista da jornada de 8 horas, também o 1.º de Maio de 1926 deve ser o início para a conquista da jornada de 6 horas, tanto mais que observamos que será este o melhor factor para atenuar a crise de trabalho.

Explicou também o orador as fases da luta actualmente travada entre trabalhadores e aqueles que querem impor uma ditadura para coartarem as poucas regalias e liberdades conquistadas com o esforço dos trabalhadores.

Artur Cardoso referiu-se ainda à reacção que actualmente impera em Itália e Espanha, figurino que procura copiar para Portugal.

Prosseguindo: — Com certeza que entre nós tal figurino não pode existir a não ser que os trabalhadores esqueçam todas as suas afirmações liberais.

Exorta também as mulheres presentes auxiliarem os seus companheiros na luta que se vem travando contra a reacção que tenta impedir entre nós e pede também para educarem os seus filhos de forma a que, amanhã, não tenhamos que observar factos como actualmente vemos em que os homens em lugar de virem ao Sindicato vão para a taberna contribuindo com esse procedimento para viverem na vida de escravidão em que actualmente se encontram.

Como na sala se encontrasse grande número de jovens este camarada fez uma brilhante preleção aos mesmos, mostrando a acção dos velhos que, ainda agarrados a preconceitos absurdos, só concorrem para entravar a marcha das ideias, esperando que os jovens de Aljustrel sigam o exemplo dos seus camaradas de outras localidades, que dão o melhor do seu esforço em prol da causa proletariana.

Cardoso falou também sobre as iníquas deportações, aconselhando todos os presentes não só a auxiliarem monetariamente os que se encontram nestas condições, mas também a prepararem-se para qualquer movimento que a central da organização tente levar à prática.

Depois de falar sobre a extradição de

Paulo da Silva, da França dos Direitos do Homem, e de aconselhar o envio de ofício de protesto ao ministro de França em Portugal, Artur Cardoso tratou de diversos assuntos de interesse para a classe mineira e metalúrgica de Aljustrel, e apreciou a acção nefasta que está exercendo na mina um belga de nome Rosburgo que só pensa em prejudicar todos os trabalhadores da mesma.

Por último o orador ocupou-se do caso do camarada Alves, dizendo que este não tem o direito de se afastar do Sindicato, porque se os militantes da organização têm momentos em que são cobertos de louros também há momentos em que são cobertos de espinhos.

A seguir usaram da palavra Manuel Bardino, que protesta contra aqueles que andam lançando a intriga no seio dos trabalhadores, e António dos Santos, que propõe que a direcção dos operários mineiros vá junto do camarada Alves demovê-lo do seu propósito de afastamento. Foi aprovado.

Depois de lida a moção da C. G. T., que foi aprovada aos vivas à C. G. T. e A. I. T., encerrou-se a sessão.—E.

Em Cabeção

CABEÇÃO, 3.—Realizou-se na sede do Sindicato dos rurais desta vila uma sessão comemorativa do 1.º de Maio, que teve grande concorrência.

Presidiu Francisco Prates Torrado, secretário por Pedro Alexandre e Manuel Almeida.

O camarada presidente fez uma interessante exposição dos motivos que originaram a comemoração do 1.º de Maio, recordando a tragédia de Chicago.

O mundo não está dividido em pátrias, mas sim em exploradores e explorados. A questão social só desaparecerá quando for destruída a actual sociedade, baseada no crime e no roubo. Aconselha todos os trabalhadores a congregarem-se nos sindicatos, visto serem eles os únicos baluartes que lhes permitam resistir com eficácia a todas as prepotências e a adquirirem a consciência, a energia e a união que lhes permitirão, mais tarde emanciparem-se da tutela do patronato e do Estado.

Em seguida foi encerrada a sessão por entre vivas à C. G. T. e à Batalha.

Em Braga

BRAGA, 2.—Conforme estava anunciado efectuou-se no Sindicato dos Chapelheiros uma sessão solene comemorativa do trágico aniversário do 1.º de Maio.

Presidiu Manuel Fernandes que se fez secretário por Manuel Baptista e Américo Gomes de Macedo.

O presidente ao abrir a sessão, que estava bem concorrida, pronunciou um curto, mas eloquente discurso, demonstrando o verdadeiro significado do 1.º de Maio, concluindo por fazer a apresentação do camarada J. Tavares Adão, delegado da Confederação Geral do Trabalho.

Tavares Adão inicia a sua interessante palestra fazendo uma exposição das várias modalidades da sociedade presente, que conduzidas pelo instinto feroz de uns, ou pela intuição humanista de outros, se encontram lamentavelmente fraccionada em várias seitas.

Referindo-se com grande soma de argumentos à crise económica que actualmente atravessa muito especialmente o povo português, afirma que este fenómeno é consequência da incapacidade da burguesia na direcção da gestão económica da sociedade, e da sua total ignorância pelos fenómenos sociais, circunstância esta que nos deve alegrar um pouco porque nos denuncia claramente o baque do seu reinado de crimes e de opressão.

Presagia para breve uma profunda remodelação no sistema económico, social e político da sociedade, e diz que penaliza constatar que a grande maioria das classes trabalhadoras ignorem a missão que lhes está confiada após o advento da grande revolução social, mista essa que o orador demoradamente descreve.

Passando a atacar as instituições que servem de escudo das tiranias da burguesia, considera como a mais perigosa de todas o catolicismo, relatando alguns dos seus crimes através dos séculos.

O orador termina a sua palestra reportando-se demoradamente ao 1.º de Maio, afirmando que este facto sangrento não é mais do que uma simples partícula dos crimes da burguesia que regista a história das reivindicações proletarianas, e faz o seu paralelo com as deportações em Portugal, o fusilamento nos Olivais, os assassinatos quasi diários da polícia, etc.

Por fim faz um apelo para que todos os presentes se organizem fortemente nos seus sindicatos, única forma de se libertarem da opressão que manietam os trabalhadores, tendo a assistência nesta altura ovacionado com uma prolongada salva de palmas a Confederação Geral do Trabalho, a Batalha, A. I. T., etc.

Fala em seguida Manuel Machado, da Construção Civil de Braga, que pronunciou um eloquente discurso de combate aos crimes da burguesia afirmando que é preciso que surjam novos mártires de Chicago para se alcançar a tão almejada emancipação dos trabalhadores. Termina por afirmar a sua crença na profundeza das ideias libertárias dos sinceros revolucionários.

José Gomes Dias, da Construção Civil do Porto, que acidentalmente se encontrava assistindo à sessão, num belo discurso ataca os desertores da organização operária que se deixaram suggestionar pelo dinheiro da burguesia entregando-se a uma obra de divisão nas fileiras operárias apodando-os de traidores à causa da sua própria emancipação.

Faz uma bela exposição do valor da organização operária e do sacrifício dos seus militantes sinceros.

Ao terminar foi delirantemente aplaudido com vivas à Batalha, C. G. T., etc.

Abílio de Oliveira, também da C. C. do Porto, faz idênticas afirmações, terminando esta tão bela jornada de propaganda revolucionária com a aprovação da moção da C. G. T. e entusiásticos vivas à Batalha, A. I. T., Revolução Social, e abaixo a burguesia.—E.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal
Reúne amanhã, pelas 21 horas, o comité confederal.

COMUNICAÇÕES

Secção Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina. —Reuniu tendo apreciado o resultado da vistoria feita por esta comissão, sendo resolvido em face da importância do assunto, que o resultado da vistoria fosse publicada na *Batalha*; mais resolveu que se realizassem quatro sessões onde o assunto seria debatido, distribuídas assim: rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º, calçada da Picheleira, Arriero e Arroios. Resolveu que se editasse um manifesto esclarecendo o público sobre o assunto.

Apreciou um ofício da Câmara Sindical do Trabalho sobre a constituição das secções sindicais, resolvendo-se em face do estado de organização na área que se oficie à Câmara sobre o assunto.

Para continuação dos trabalhos reúne amanhã, pelas 21 horas, devendo assistir os camaradas indicados para a secção metalúrgica.

Federação Metalúrgica. —Reuniu ordinariamente a comissão administrativa apreciando o expediente que constava de ofícios dos sindicatos metalúrgicos do Porto, Marinha Grande e Vieira de Leiria. Foi dada posse definitivamente ao secretário administrativo Manuel Pratas, e enviada determinada quantia ao comité metalúrgico do norte a fim de facilitar a sua acção. Ocupando-se também esta comissão da manifestação do 1.º de Maio, foi resolvido tornar público que esta federação pelo facto de não ter sido representada no comício realizado em Lisboa, não quer dizer que não esteja plenamente de acordo com todas as manifestações operárias norteadas pelos princípios de emancipação humana, em que assenta a C. G. T. portuguesa. Tal falta obedeceu a um lapso, embora lamentável, que involuntariamente a privou da sua representação.

Foi lançado um protesto na acta contra a conduta dos comunistas na cidade do Porto que no comício, no dia 1.º de Maio, provocaram o seu encerramento, pelo conflito travado com os sindicalistas ali reunidos.

Maquinistas Fluviais. —Na assembleia de ontem foi nomeado vogal da direcção José Agostinho de Sousa. Foi ratificada a confiança ao delegado Joaquim Nogueira.

Federação Metalúrgica. —Na reunião do Conselho Federal, foram apreciados os balancetes da Federação sendo nomeada a comissão revisora de contas que ficou assim constituída: Adelino Ferreira, António de Costa Santos e António Vicente. Foi nomeado secretário efectivo do conselho António da Costa Santos. Foi apreciado um questionário do Instituto de Orientação Profissional, ficando constituída uma comissão composta de Quirino Moreira, António Vicente e Adelino Ferreira, para o elaborar. Pela comissão administrativa foi apresentada por conveniência vogal, para secretário administrativo, Henrique Firmo, secretário administrativo, passou a não fazer parte da comissão administrativa por ter sido nomeado delegado ao Conselho Confederal.

Compositores Tipográficos. —Reuniu a direcção que deu despacho a vários expedientes, deliberando convocar para a próxima reunião o quadro tipográfico do suplemento de «A Batalha» para tratar de um assunto que se prende com o aprendizado.

Apreciando o grande movimento dos mineiros ingleses, resolveu oficiar ao Conselho Central das Trade-Unions manifestando-lhe a sua simpatia por tão justo movimento dando-lhe ao mesmo tempo o seu apoio moral.

Oficiais da Marinha Mercante. —Ocupou-se da exposição do relatório apresentado pelo comandante sr. Luís Spenser, delegado da Liga à conferência da Associação Internacional dos Oficiais de Marinha Mercante que se reuniu em Madrid em 18 de Abril.

Apreciou-se a proposta da Companhia «A Marítima» (Norton) em que a mesma propõe redução de pessoal e racionamento de dinheiro, não sendo pronunciado a assembleia sobre o assunto, pelo mesmo se achar dependente do ministério da Marinha.

Ocupou-se da representação da Liga, na conferência da Associação Internacional dos Oficiais de Marinha Mercante que se reúne em Genebra em Julho. Tratou-se ainda de um ofício enviado pela delegação de Ilhavo sobre que usaram da palavra varios oradores.

S. U. C. Civil. — *Secção de Cantelros e Polidores de Mármores.* —Ao tomar posse, a nova comissão administrativa resolveu sair os presos por questões sociais e protestar contra a extradição de Paulo da Silva.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Operários do Município. — A's 23,30 horas, a assembleia geral, para se apreciar as diligências feitas pela comissão de melhoramentos acerca do aumento de salário, pessoal provisório e outras reclamações.

Federação Mobilíria. — *Conselho Federal.* — A's 20,30 horas para se ocupar de um assunto importantíssimo.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — O secretário às 21 horas.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — *Comissão administrativa.* — Reúne hoje, pelas 21 horas.

Operários Alfaiates. — Pelas 21 horas, reúne a comissão organizadora da Indústria do Vestuário, para apreciar os trabalhos dos delegados que, por intermédio da C. G. T., foram à provincia.

DIAS PROXIMOS:

Sindicato Metalúrgico. — *Secção de Belém.* — A comissão administrativa convoca todas as comissões administrativas dos sindicatos e secções instalados na área de Belém, a reunir-se amanhã, pelas 21 horas, para apreciar um ofício da Câmara Sindical do Trabalho.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Reúne hoje o comité, pelas 20 horas, para prosseguimento dos trabalhos.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo